

supor assim que a produção de vídeos também tem resultados éticos mais operativos e enérgicos do que as aulas tradicionais, carregando ainda a vantagem de se ter um produto que não é efêmero, e que pode ser interpretado e reinterpretado por diversas pessoas em diversas ocasiões. É possível dizer também que se produz um recurso didático antes, durante, depois e para além de um depois da produção,

pois o vídeo fica. Este ano, em especial, produzimos audiovisuais que servem de documentos de consulta, antes inexistentes, sobre a história do bairro de nossa escola. Os próximos sempre poderão assisti-lo, aprender com ele, e expressar à vontade, a potência de ação, de também produzir num processo cíclico desse sonho possível que é a produção de vídeos estudantis.

REFERÊNCIAS

- CALLONI, Humberto. Os Sentidos da Interdisciplinaridade. Pelotas: Seiva, 2006.
- CARRIÉRE, Jean Claude. A Linguagem Secreta do Cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- FREIRE, Paulo. Educação O Sonho Possível In Brandão, Carlos Rodrigues. O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- XAVIER, Ismail. A Experiência do Cinema: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 2008.

RUA DE MÃO DUPLA E A POTENCIALIDADE SOCIAL A PARTIR DO DISPOSITIVO DO FILME

Pâmela de Bortoli
Doutoranda em Multimeios Unicamp

O documentário Rua de Mão Dupla, de Cão Guimarães, foi o elemento norteador para a formulação de uma oficina aplicada na CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun, em Campinas, Estado de São Paulo, como parte de um programa de formação de professores em parceria com a Prefeitura de Campinas e o Grupo Olho, da Faculdade de Educação da UNICAMP.

A motivação foi impressa a partir da visualização do dispositivo utilizado pelo filme, cujos personagens se preocupam em apresentar o outro, ou seja, o filme “não quer que eles se voltem para si, que falem de suas vidas, que se revelem para a câmera” (LINS, 2009:327). E tal veio com o propósito de ser utilizada no primeiro dia de oficina, para que com isso houvesse um tipo diferente de “apresentação” da turma e, principalmente, vimos no dispositivo do filme um potencial de atividade social perante o grupo de participantes.

A motivação desta oficina na formação de professores:

A formação de professores nas escolas mencionadas iniciou-se em setembro de 2016, com o propósito de fornecer uma alternativa de atividades que possam ser aplicadas em sala de aula, perante a aplicação da Lei 13.006/2014. De tal forma que, uma vez obtendo resultados significativos no segundo semestre do ano passado, nos propomos a seguir com as atividades em 2017, agora com uma turma de monitores.

Assim, da mesma maneira que no ano passado, nos detemos em possíveis dispositivos por meio de filmes brasileiros que pudessem despertar o interesse pela aplicação de atividades em sala de aula, já que “o gosto pelo cinema não pode ser ensinado” (FRETAS, 2015:93). Defendemos ainda a ideia de que a possibilidade de realização de oficinas pode provir não só algum conhecimento acerca do

audiovisual, como também incorpora uma inovação capaz de ser aplicada no currículo vivido, de maneira que o cinema e a escola mesclam-se sob o mesmo ambiente e tramitam sobre a aprendizagem, aplicando na prática a Lei 13.006 “tanto na preparação para a docência, como no trabalho continuado na escola” (FRETAS, 2015:96).

Acreditamos que ao experimentar o dispositivo, tanto os professores quanto os monitores poderão replica-los em sala de aula com seus alunos, criando uma cadeia de experimentações que não se findam nas oficinas de formação docente, tampouco que fazem uso do filme como algo ilustrativo:

O que nos move é pensar o cinema como instrumento cultural de aprendizagem no seu sentido largo, ou seja, para além de sua apropriação didática, como ilustração dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Pensá-lo, portanto, como obra de arte que abre as portas da percepção de alunos e professores para outras formas de ver e conceber o mundo, trazendo novas possibilidades de aprender(...). (FRETAS, 2015,p.98)

Metodologia: a preparação da oficina com base no filme Rua de Mão Dupla

A aula baseada no documentário Rua de Mao Dupla foi a primeira de uma série de aulas que serão desenvolvidas ao longo do

semestre, e teve seu embasamento no formato do curta pela questão social que poderia ser explorada.

“Como é o outro?” A partir desse questionamento, montamos um dispositivo de tentar adivinhar o outro por seu objeto. Diferente do filme, aqui não houve espaço para um maior detalhamento de artefatos alheios que descrevem uma rotina e, outro diferencial, foi a aplicação para uma pessoa que se convive. O objetivo central foi de estabelecer uma conexão social entre os participantes, um estímulo para a aproximação como um todo sem forçá-la abruptamente:

Aula 1: Como “enxergamos” o outro?

Proposta: Por ser primeiro encontro, proporcionar um olhar sobre o outro de maneira que isso crie uma atmosfera de contato e aproximação dentro do grupo.

Atividade com filmes: Veremos o trailer de Rua de Mão Dupla, para ambientar os participantes sobre a proposta.

Discussão: Como o outro é visto a partir de seus pertences? Que outro é esse?

Atividade prática: Formaremos grupos pares, em que cada grupo entregará um objeto de um integrante. Após a troca dos objetos entre os grupos, cada grupo deverá fazer um filme de 1 a 2 minutos falando sobre como imagina sendo a pessoa dona do objeto.

Releitura: Após a discussão, mostraremos

todos os filmes realizados. Somente após a exibição, os objetos retornarão aos respectivos donos, separando um espaço para o diálogo do que é esse suposto “olhar do outro”.

DISPONÍVEL EM: <https://www.youtube.com/watch?v=mvWjBjCD-OM>

Portanto, assim como propõe o filme, nos debruçaremos sobre o dispositivo de “ver e fazer ver”. Segundo Lins (2009), a estratégia de filmagem usada por Cao Guimarães ao colocar dois blocos lado a lado, como se o outro fosse espectador de seu retrato falado, é a elaboração de uma “maquinação”:

(...) uma lógica, um pensamento, que institui condições, regras, limites para que o filme aconteça, assim como na construção de uma “maquinaria” para produzir concretamente a obra. O dispositivo se constitui das duas operações, com regras temporais e espaciais pré-definidas, (...) produzindo mundos, sujeitos, objetos (...). (LINS, 2009, pág.330).

Nesse sentido, montamos a regra de câmera sobre o objeto e a fala de uma “imagem mental” sobre o outro, com a condição de explorar ao máximo os detalhes desse outro através do objeto, desde físico a personalidade. Mesmo não havendo dois blocos como Cao Guimarães realiza, também nos propomos a dar espaço para que o outro se pronunciasse ao se ver descrito pelos olhos dos colegas a partir de seu objeto. De maneira que essa si-

tuação criasse uma potencialidade social, uma interação entre colegas que se “veem” todos os dias, mas que não conhecem “o outro”, entrando no mérito do que é esse “outro” no sentido de ser descrito a partir do que se tem em posse.

Resultados e discussões após a atividade:

Os participantes foram divididos em 2 grupos de 5 pessoas, colocados de costas um para o outro para que a escolha do objeto não fosse visível. Após a seleção, os participantes se separaram para a confecção do filme que deveria ter entre 1 e 2 minutos. Percebemos que os filmes dois filmes confeccionados não se basearam na mesma ideia do documentário, uma vez que os rostos dos personagens ficaram à frente da câmera durante a descrição do objeto, conforme mostra a cena do filme 1 (figura 1).



Cena do filme 1.

Houve aqui outra forma de descrição, com ênfase na narrativa, remetendo a um jogo de adivinhação.

Após a exibição de todos os filmes, foi perguntado aos participantes a dificuldade

em descrever alguém através de um objeto e como os donos se sentiram ao serem supostamente descritos.

Houve um contentamento de modo geral, em que aqueles que descreveram precisaram usar a imaginação sem se focar numa pessoa em específico e, ao mesmo tempo, bolar uma situação divertida para adivinhar o dono do objeto, como uma espécie de “amigo secreto”.

Acreditamos que esse “olhar” aproximou o grupo em dois momentos: o primeiro ao realizar uma atividade em conjunto, com certa formação de opinião sobre o objeto e ludicidade na descrição; e o segundo ao apresentar esse olhar perante o restante da sala e ao dono do objeto, como uma conexão, como ele é visto e interpretado, e que foi realizada por entre risos porque não cabia ali uma seriedade necessária e uma afirmação precisa sobre a pessoa, conforme cena do filme 2 (figura 2).



Cena do filme 2.

Assim, nesse primeiro contato houve uma aproximação inicial entre os membros da oficina, para que tal parceria seja enriquecida e construída ao longo das aulas do semestre.

Além do fato de acreditarmos no poder das imagens, isto é, no convite que o cinema nos faz “a ir além de uma reflexão sobre os modos de olhar, ver e se afetar pela imagem.” (LEITE; CHRISTOFOLETTI, 2015:42).

De maneira que tal experimentação também se baseou na ideia de que a imagem “transforma as relações entre aqueles a que se destina” (GUIMARÃES, 2015:48), justamente por acreditarmos no seu potencial pós-exibição. O diálogo, também ambientado no fator cinema, a condução de uma conversa que é conduzida pela imagem e discurso de quem vê o objeto e por quem o tem foram os pilares dessa imagem que “passa o imprevisto, inesperado” (GUIMARÃES, 2015:48), como sendo o “retrato falado” de alguém a partir de algo material.

Concordamos com Guimarães (2015) ao afirmar novamente as potencialidades dessa imagem que se converte a uma ligação social, um ato de aproximação entre os colegas não só pelas pessoas que filmam enquanto um grupo, como também a pessoa a quem se destinam descrever:

Esse processo envolve não apenas a relação entre quem filma e quem é filmado, mas também a relação com os espectadores, convocados a ver essa cena que se desenvolve para eles, e que os implica e os interpela (GUIMARÃES, 2015, p.49-50) Ver junto é

ver uns aos outros, e não vemos a mesma coisa. (COMOLLI, 2012, p.175 apud GUIMARÃES, 2015, p.50).

Portanto, entendemos que a imagem atravessou todos os participantes, e por possuírem olhares singulares e sensíveis únicos, foram capazes de gerar tal discussão a partir de uma ideia de dispositivo gerada pelo filme Rua de Mão Dupla que trouxe à tona um comum, um elemento corriqueiro e o transformou em algo além de si, num espaço possibilitado pela escola.

“Nas escolas a exibição de filmes ga-

nha novos sentidos” (MIRANDA; GUIMARÃES, 2015:155) – e tal sentido se viu ampliado por seu cunho social, uma troca entre colegas sobre si a partir do outro, de um objeto, de uma imagem sobre o objeto, de um cinema que se viu possível no ambiente escolar e que se desdobrou em coleguismo e descobertas. Logo, acreditamos que com esse pontapé inicial conseguimos aproximar o grupo socialmente e, por serem cativados dessa forma, possuem motivação para replicar a mesmo dispositivo nas atividades de seus respectivos currículos vividos.

REFERÊNCIAS

- FRETAS, Maria T.A. O cinema na formação de professores: uma discussão. In: FRESQUET, Adriana. (Org.) Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015, pp.92-98.
- GUIMARÃES, César. O que é uma comunidade de cinema? In: Revista ECO PÓS: Arte, Tecnologia e Mediação. v.18, n.1, 2015, pp.45-56.
- LEITE, César D.P; CHRISTOFOLETTI, Rafael. Pra que cinema? O que pode o cinema na educação e a educação no cinema? Fronteiras de encontros. In: FRESQUET, Adriana. (Org.) Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015, pp.40-50.
- LINS, Consuelo. Rua de Mão Dupla: documentário e arte contemporânea. In: MACIEL, Katia. (Org.) Transcinemas. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2009, pp.327-339.
- MIRANDA, Carlos E.A; GUIMARÃES, Luís G. Cinema na escola: da formação de professores para prática escolar. In: FRESQUET, Adriana. (Org.) Cinema e Educação: a Lei 13.006. Reflexões, perspectivas e propostas. Rio de Janeiro: Universo Produção, 2015, pp.149-156.